

Revista JB  
~~1984~~ Ano 11 nº 567  
15/3/84



aluno  
se enortar melh  
de Trua

# A SAÍDA É ENTRAR NA LIQUIDAÇÃO DO LÁPIS VERMELHO.

 BarraShopping

# A vanguarda em pessoa

Helena Carone  
Fotos de Sergio Zalis (ZNZ)

## Arrogante e criativo, Gerald Thomas traz a polêmica para o Teatro Municipal

O tradicionalismo, quem diria, caiu nos braços da vanguarda. A ópera *O Navio Fantasma*, de Richard Wagner, depois de passar pelas transformadoras mãos do diretor anglo-brasileiro Gerald Thomas, 32 anos, adentra no dia 2 de abril o palco do Teatro Municipal para levar os espectadores a mares nunca dantes navegados. "Vai surpreender muita gente", antecipa Fernando Bicudo, o Diretor de Ópera do Teatro. Não só deverá surpreender como também mexerá com as cabeças mais conservadoras. A concepção do ousado Gerald para o *Holandês Errante* (essa é a tradução literal do título), de Wagner, promete causar mais celeuma do que a fumaça usada na peça *Carmem Com Filtro*; do que seu mergulho filosófico em *Quartet*; do que a estética punk minimalista de *Eletra Com Creta* (em cartaz no MAM). Trabalhos que ele dirigiu no último ano e que mexem tanto com as cabeças no eixo Rio—São Paulo quanto suas declarações sobre a ignorância da classe artística brasileira. Pára-raio de amo-

res e ódios, Gerald Thomas prepara-se para receber nova carga. "Vai ter gente que não viu e não gostou e outros que não viram e gostaram", prevê Bicudo.

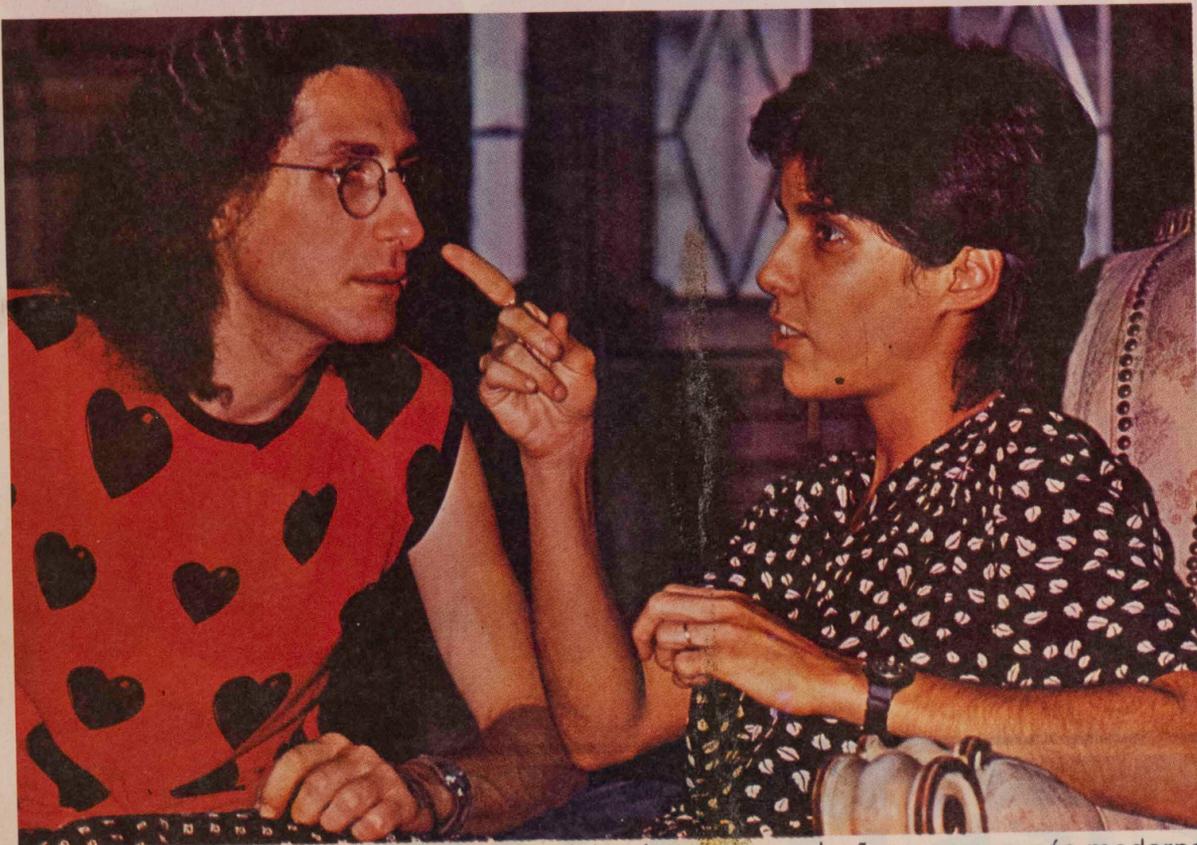
O capitão da ópera de Wagner não mais será um atormentado norueguês do século 18 salvo pela amada Senta da maldição de vagar eternamente pelos mares. O personagem deu um salto futurista e agora é um vulto sombrio com leves alusões ao nazifascismo — que ronda entre as obras do Museu de Documenta, da cidade alemã de Kassel, atrás de uma alma branca que dê fim a seu tormento. A heroína Senta não se lança ao mar e sim contra o muro eletrificado de Berlim. É "meio judia". "Essa é uma avaliação lacan-antropofágica de como uma mentalidade só se atualiza através da manutenção de outra", explica Gerald Thomas. Ele vê o holandês errante como uma síndrome, "como o nazismo e o fascismo". Mas nesta produção de 200 mil dólares — com cenário criado por ele e executado pela mulher Daniela, autora também dos figurinos —, não haverá suásticas, nem

referências diretas a Hitler. Nada é tão literal, mas alegórico, como se pode esperar de um espetáculo operístico. "Ninguém ainda conseguiu substituir a trama nazista por uma metáfora plausível para os nossos tempos", diz. Ele pretende conseguir.

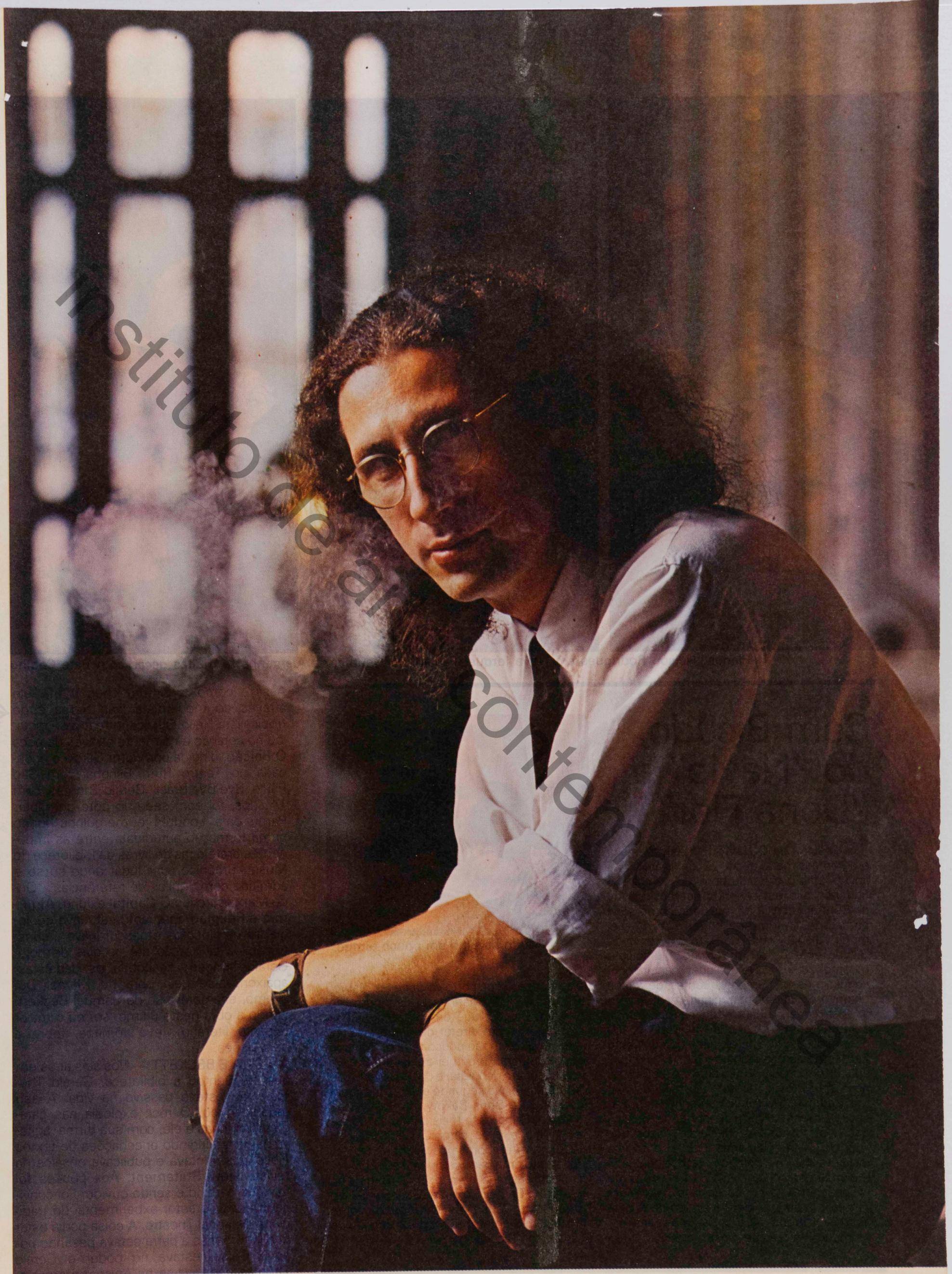
**VÔMITOS E CONVULSÕES** — E de maneira indireta, no espaço mais nobre da cidade, quer despertar o público "para a alucinação que aconteceu ali na esquina, há pouco tempo". "Nada me garante que, através das telecomunicações, de mensagens subliminares, uma nova era de nazifascismo não esteja se organizando nos países do mundo ocidental", avalia. No navio de Gerald, estão embarcando um elenco de oito solistas internacionais da Ópera de Viena, do Metropolitan e do Festival de Bayreuth; o coro de 116 pessoas e mais 20 figurantes. Na primeira semana de ensaio com o coro feminino, podiam-se ouvir sopranos e contraltos cochicharem fora do tom: "Isso não é Wagner", "como vou poder cantar nessa posição?", "a que ponto chegamos", "é o fim da picada".

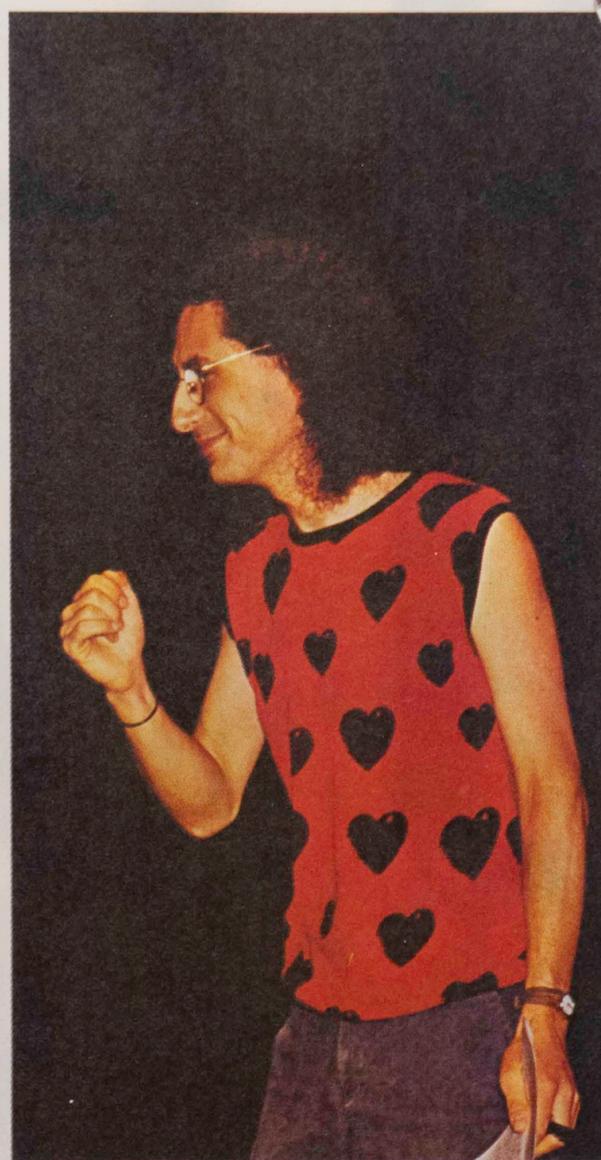
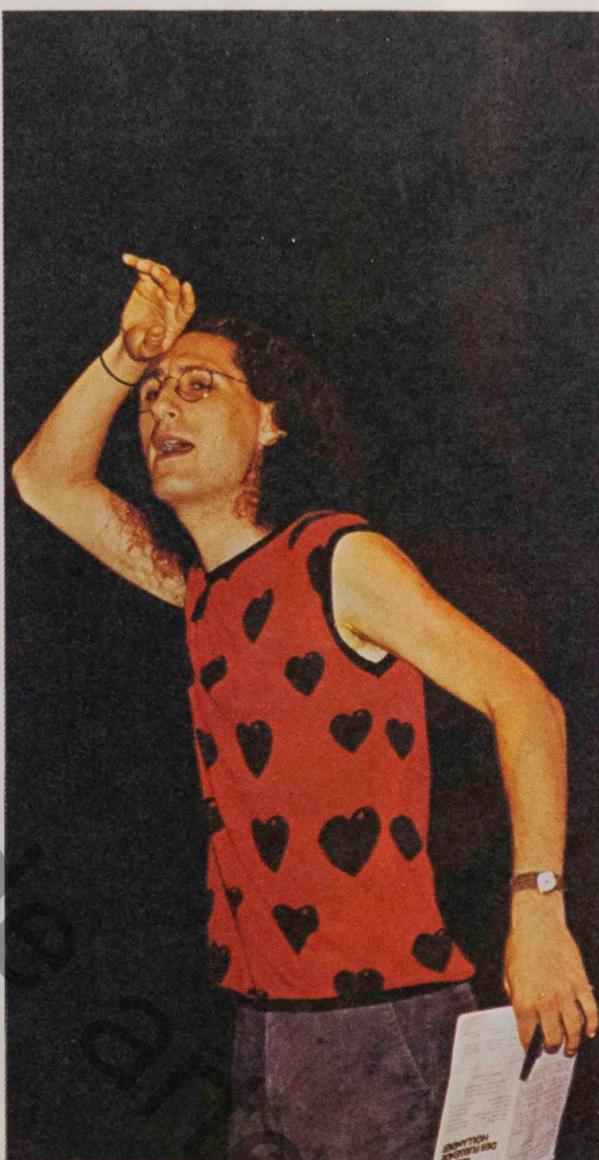
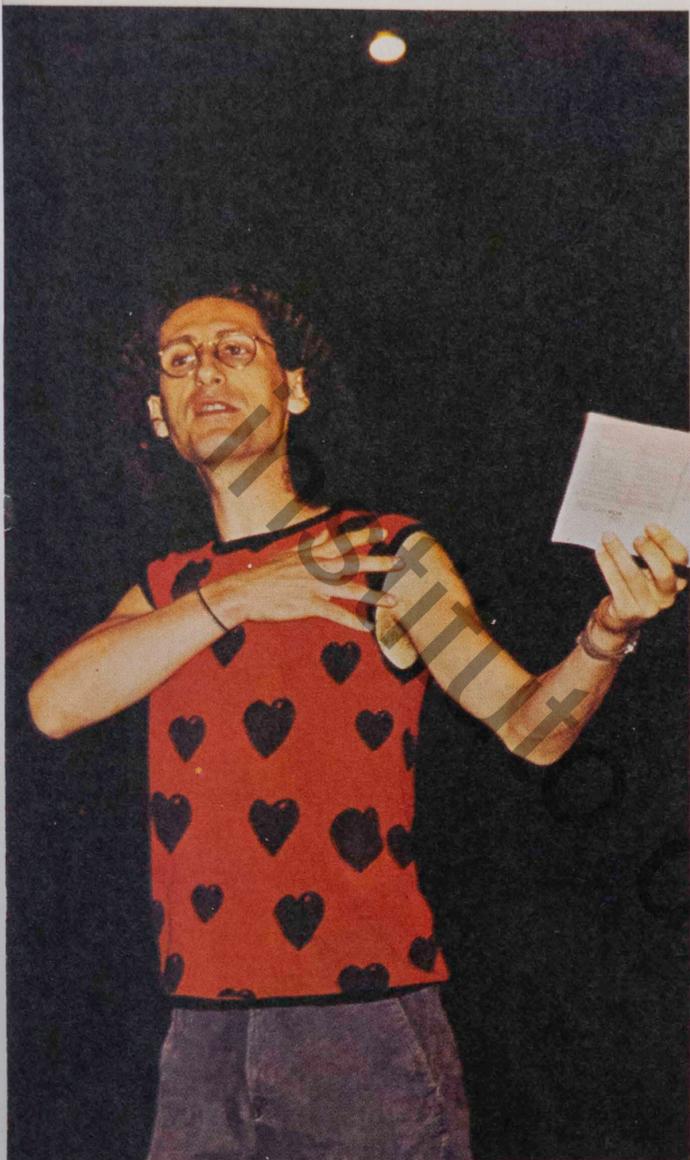
Como que intuindo as reações, Gerald orquestrava: "Isso é ópera tradicional, gente, não é experimentalismo". Os mais experientes sabem do que ele fala. O cruzamento das artes — como o teatro e o cinema — com a ópera é um movimento crescente na Europa. O crítico de música erudita do JORNAL DO BRASIL, Luís Paulo Horta, lembra os nomes de Zefirelli e Patrice Chereau (que fez a primeira montagem revolucionária de Wagner no Festival de Bayreuth) e Sérgio Brito, no Brasil. "Vamos dar um crédito à criatividade", diz ele em relação a Gerald Thomas. O crítico de teatro Macksen Luiz é mais direto quanto à sua expectativa: "Gerald Thomas é um homem que sabe manipular o espetáculo. Ele tem condições de sacudir os cânones da ópera."

A curta história desse jovem diretor e pintor tem sido tão movimentada e intensa que às vezes provoca nele o comentário: "Sinto-me como se tivesse 80 anos." Gerald é filho de uma inglesa com um alemão, mas aconteceu de nascer no Brasil, durante viagem de negócios do pai. Sete anos depois, o casal voltava para ficar e Jerry, apelido que ganhou, passava a freqüentar o colégio Pedro II. Não por muito tempo. Ele não era exatamente o capeta em forma de guri. Foi até do tipo dedicado aos livros. Mas aos 13 anos abandonava a escola. ↵



Gerald e Daniela vivem uma relação amorosa pós-moderna

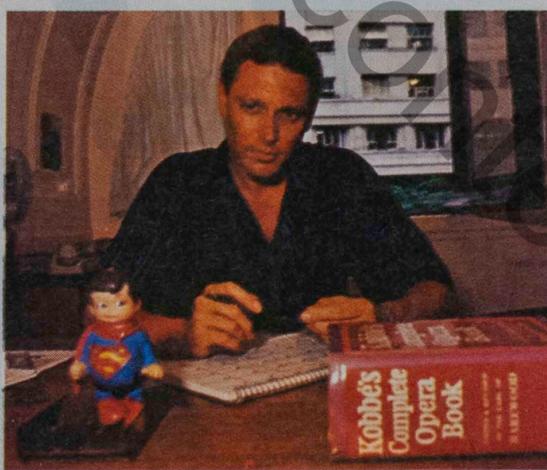




Planos: Nelson Rodrigues em Nova Iorque; Fausto, de Goethe, na Alemanha; e muitas peças com Bete Coelho

## Com Bicudo, do "Navio" a "Dona Flor"

A estréia de *O Navio Fantasma* estava programada para o dia 27 de março. Foi adiada para o dia 2 de abril. Os cenários e figurinos não estão sendo confeccionados na Central Técnica de Inhaúma, como seria normal. A diretora da Central, Tatiana Memória, alegou falta de tempo. Fernando Bicudo entende de outro jeito. "É boicote mesmo", dispara. De qualquer maneira conseguiu, nesses tempos quentes de virada de governo, que os patrocinadores fizessem a coisa andar. Bicudo, que na sua estréia como diretor de Ópera do Municipal inovou com raios laser no palco, sabe que *O Navio Fantasma* comandado por Gerald Thomas é sua maior ousadia. "Eu o convidei porque da nova geração de diretores brasileiros é o mais premiado e o mais reconhecido internacionalmente. Além de ser uma pessoa que gosta de ópera", declara. Nesses três anos de gestão, Fernando Bicudo conseguiu incluir o Rio no roteiro internacional dos melômanos, e com essa montagem de Wagner atraiu o crítico do *The New York Times* e o editor Geerd Heinsen da revista alemã *Orpheus* — a mais importante da Alemanha na área de música clássica. Além



"Muito barulho em pouco tempo"

de conferir em que porto vai dar esse *Navio*, Heinsen já pediu para fazer um perfil de Fernando Bicudo, que em carta classificou como "um jovem diretor de ópera que fez tanto barulho em tão pouco tempo". Bicudo contratou para o primeiro elenco Sabine Hass (da ópera de Viena) e Joshua Hecht (do Metropolitan). No segundo elenco, Elizabeth Payer-Tucci e Boris Bakow, do Festival de Bayreuth. O ingresso mais barato vai custar Cz\$ 100 e o mais caro, Cz\$ 800. Dando seqüência à temporada de ópera, estão em andamento uma peça composta por Egberto Gismonti baseada num poema (*Babel*) de Geraldinho Carneiro e outra baseada no livro *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Jorge Amado, cujo libreto está sendo preparado pelo próprio Bicudo.

Assim, como a pintura chegou até ele através do modernista Ivan Serpa e do tropicalista Hélio Oiticica, o teatro se instalou no coração e na mente através da peça *O Balcão*, dirigida por Victor Garcia e encenada no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo. Bye Bye Brasil. Gerald Thomas, com 14 anos, foi com sede ao pote do saber. Partiu para Londres e mergulhou fundo numa formação autodidata entre as imponentes prateleiras de livros da Biblioteca do Museu Britânico. Um lugar onde só se é admitido com "quilos de referências". Onde Marx escreveu *O Capital* e Jung, *Alquimia e Religião*. Enquanto estudava geologia, lia os filósofos e descortinava a construção da civilização até os dias de hoje, Gerald também descobria os dadaístas, apaixonava-se pela obra de Marcel Duchamp, enamorava-se de Samuel Beckett. Lendo a obra deste último, sofreu o maior impacto literário: teve vômitos, febre e convulsões.

**ANISTIA E BECKETT** — Nos seis anos em que frequentou a biblioteca, Gerald Thomas não esteve passivo na vida. A seu modo, agitou. O rock explodia nas garagens londrinas e ele, com sua turma, agitava galpões dirigindo encenações de textos filosóficos. Pintava e publicava ensaios na revista *New Statement*. Aos poucos foi fazendo barulho e sendo ouvido. Foi convidado a criar o setor experimental do tradicional National Theatre. A coisa podia estar boa lá fora mas a barra estava pesando por aqui. Geisel estava no poder e Gerald Thomas engajava-se na Anistia Internacio-

nal como representante para o Brasil. "Embora o centro da Anistia fosse em Londres, nada era feito pelo Brasil porque os horrores que se cometiam na Argentina e Chile eram muito maiores", lembra. Fez amizade com os exilados Liszt Vieira, Fernando Gabeira, César e Cid Queiroz Benjamin, entre outros. Esteve algumas vezes no Brasil, em missão. Mas em 79 desligou-se da organização para aderir ao Tribunal Russel. "A Anistia Internacional só lidava com os chamados presos de consciência, discriminava os envolvidos em luta armada. O Tribunal Russel lidava com isso, chegava mais perto dos exilados brasileiros, dos próprios presos", justifica. A militância terminou no Tribunal. Hoje, Gerald não se identifica com nada que vê por aí. Está à margem da movimentação política.

Não adianta procurar no movimento hippie a origem dos longos cabelos de Jerry. Ele assistiu a tudo da janela, assim como ao surgimento dos punks londrinos. Sem o barato de nenhuma droga. "Acho mais interessante ver o processo dialético", acredita. Participando ou não, nada lhe passa despercebido. Desde que filtrado pela elaboração filosófica, tudo é incorporado ao pós-modernismo de seu trabalho. O que acabou valendo o convite da diretoria do teatro nova-iorquino La Mamma, Ellen

Stewart, para dirigir uma das salas do templo americano do experimentalismo. Ali fez a estréia mundial com **All Strange Away**, de Samuel Beckett. A amizade que mantinha por correspondência com o escritor foi selada pessoalmente em 81. Num bilhete, Beckett sugeria que, caso aparecesse em Paris, Gerald o procurasse. Bastou para que ele tomasse o primeiro avião com a mulher. "Ficamos enterrados num quarto de hotel durante 48 horas esperando ele ligar", lembra. Acabaram-se encontrando num papo de muitas horas. Depois disso, Gerald já montou 18 textos do amigo.

Em Nova Iorque, Gerald Thomas também pintou e desenhou. Até recentemente ilustrava a página de opiniões do **New York Times**. Teve seu trabalho publicado num livro de arte ao lado de nomes como Picasso, Steinberg e Rauschenberg. E em 82 chegou a expor no Museu de Arte Moderna da cidade. "Acho inapropriado o esquema de exposição. A pintura em si não me interessa muito, e sim a filosofia da coisa". Com pelo menos dois terços da vida vividos lá fora e uma formação profissional com profundas raízes européias, onde ficam as referências brasileiras de Gerald? "Não consigo fazer esta distinção. Prefiro não fazer enquanto existir a Rede

Globo e o prato francês predominar. Faço no dia em que houver uma independência cultural sangrenta nesse país". Foi com esse iluminado currículo e com declarações como esta que Gerald Thomas lançou seus primeiros tentáculos profissionais no Brasil, em 85, conquistando prêmios e antipatias.

Estreou com **Quatro Vezes Beckett**, ganhou um Molière Especial e Daniela Thomas ficou com o Mambembe de Melhor Figurino. Junto vieram os primeiros protestos do pessoal do besteirol, com reforço do poeta Geraldinho Carneiro. Além do rótulo de colonizador. "Essas pessoas que falam muito em colonizado e colonizador não compreendem a graça da discussão que se poderia ter, tentando entender que a influência é inevitável quando um país é mesclado. Não vejo nenhum intelectual de cocar na cabeça", declara. "Arrogância à parte", Gerald diz não ter dúvida de que sua entrada no cenário do teatro brasileiro se deu com paixões e ódios. "A história muda assim", filosofa sem modéstia. No entanto, ele garante que não participa da "euforia" a seu respeito, por mais que a crítica tenha sido positiva. "Só eu sei a dor de barriga que sinto, o quanto eu durmo mal", confessa. No ritmo que vai, ⇨



O coro feminino ouve atento as idéias do diretor sobre Navio Fantasma. Depois se pergunta: "A que ponto chegamos?"



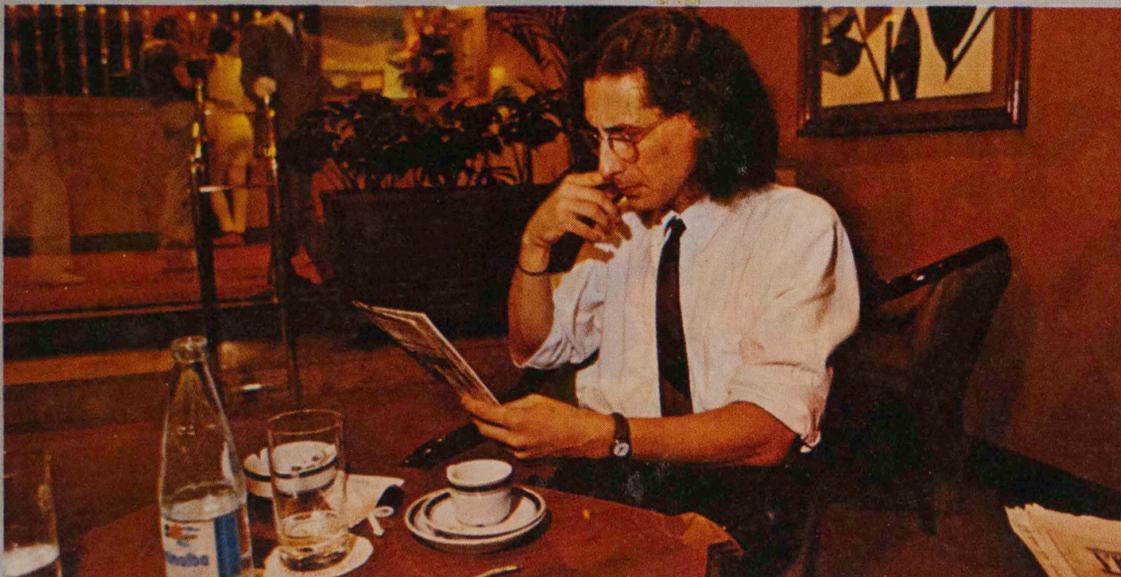
Eletra Com Creta, em cartaz no MAM, impressiona pela iluminação que é sempre conduzida pelo próprio Thomas

## Cafezinho, Jarmush e Glass

Um homem que gosta de se dedicar à "exploração arqueológica dos mitos, Gerald Thomas também tem os seus, em particular. Ressalvando que sua visão de mito "transcende a passagem de uma vida na terra", ele aponta James Joyce, Wagner e Shostakovich. Samuel Beckett é um caso à parte. "Quando se está entre a filosofia e a poesia, sempre se desemboca em Beckett. Mas ele não vale dizer porque eu encontro de vez em quando. "Que não se fale em mito, então. Falemos em admirações. Confessando-se um "fascinado por música", Gerald costuma colocar na vitrola o bom e velho Caetano Veloso, Schoenberg e o amigo pessoal, o minimalista Phillip Glass.

Antes fosse tão fácil falar de teatro como de música. Principalmente quando o assunto é teatro brasileiro. Os nomes saem com dificuldade. "Tenho enorme admiração pelo Antunes Filho, Rubens Correa, Sérgio Brito, Tônia Carrero, o elenco de **Eletra**. É a minha familiazinha." Bete Coelho merece capítulo à parte: "Nunca encontrei uma atriz tão completa em toda a minha vida. É

gratificante que seja só o começo de uma relação." Nos atores Miguel Falabella e Fábio Junqueira reconhece um estilo de interpretação que lhe agrada. E do que está em cartaz? Bem... "Artaud". Cruzando as fronteiras, fica mais fácil. As peças que mais o impressionaram ao longo dos anos foram **Sonhos de Uma Noite de Verão**; **Oristides**, dirigida por Peter Stein, em Berlim; **Peça para Medéia**, de Heiner Muller, em Berlim Oriental; "tudo de Bob Wilson", principalmente **Einstein on The Beach**. O ídolo maior em teatro é o polonês Tadeus Kantor. No cinema, sua radicalidade desaparece. Gosta de tudo, a começar por Fellini, Luis Buñuel e Eisenstein. Da última vez que esteve em Nova Iorque, passou 20 dias e assistiu a 20 filmes. Só **Dawn Bay Law**, de Jim Jarmush, viu três vezes. Mas nenhuma dessas paixões ou prazeres se compara à obsessão que tem por cafezinhos. Bebe muitas xícaras por dia, sempre acompanhadas de um Gitane — cigarro francês. Como um expert, ensina: "O melhor café vem da Jamaica, é o Mountain Blue, caríssimo. Custa 11 dólares, o quilo."



Ele é um expert em cafezinhos. Aqui saboreia o do bar do Caesar Park

não dorme mais que quatro horas por noite. Para descansar, uma vez por ano costuma se esconder durante um mês na cidade suíça de Wengen, "debaixo das mais belas montanhas", onde não circula carro. Depois de cinco casamentos e um filho inglês que está com 11 anos, Gerald Thomas mantém um "casamento aberto" com Daniela, filha do cartunista Ziraldo. O colunista Tutty Vasques andou noticiando um escondido romance de Gerald com sua mais perfeita tradução de atriz, a paulista Bete Coelho, 24 anos, do elenco de **Eletra Com Creta**, e protagonista também de **Carmem Com Filtro**. O diretor não se intimida. "Temos uma relação há um ano. Daniela também é apaixonada pela Bete", revela. Para a atriz, "é uma paixão mesmo, a partir da afinidade de linguagem, da cumplicidade artística".

Mesmo com tantas realizações, ele admite não estar de bem com a vida. "Estaria se este não fosse um mundo tão macho, tão violento. Acho que, se todo mundo fosse mais feminino, se na cama todo homem fosse também mulher e vice-versa, tudo estaria melhor", acredita.

O convite para dirigir **O Navio Fantasma** veio quase como a consagração de um trabalho que inclui a montagem de três espetáculos polêmicos no Brasil e um em Nova Iorque só no ano passado. Em abril, Gerald segue para São Paulo com **Eletra Com Creta**, onde vai mostrar também às segundas e terças um novo espetáculo protagonizado por Bete Coelho. Em julho faz **Fausto**, de Goethe, na Alemanha, e no segundo semestre monta **Dorotheia**, de Nelson Rodrigues, em Nova Iorque, com a mesma Bete, e uma trilogia de Kafka, no Brasil. Está em pleno andamento a formação do grupo Artecultura, bancado pelo paulista Yacoff Sarcovas, que planeja para o próximo ano um Festival Internacional de Teatro em terras brasileiras. A ópera terá sido, então, mais um capítulo. Mas seu discurso deverá continuar desaforado. "Eu reclamo é por amor. Calaria a boca pelo que acontece na cultura do Egito, por exemplo. Eu quero é f... com tudo isso aqui." **D**